

Título: **9º Curso sobre Ordens Militares e Religiosidade**

Autor(es): **Luís Filipe Oliveira; João Luís Fontes**

Enquadramento Institucional: **Membros do IEM, FCSH-UNL**

Contacto: **lfolivei@ualg.pt; joaofontes@hotmail.com**

Fonte: *Medievalista* [Em linha]. N.º6, (Julho 2009). Direc. José Mattoso. Lisboa: IEM.

Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/>

ISSN: 1646-740X

9º Curso sobre Ordens Militares e Religiosidade

Nos passados dias 7 e 8 de Fevereiro de 2009, decorreu em Palmela mais um Curso sobre Ordens Militares. A organização coube ao Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago (GESOS) da Câmara Municipal de Palmela, que desde 1989 promove estes cursos destinados a quantos se interessam pela presença e pela acção das ordens militares no território português. Tal como vem sendo habitual, a edição deste ano contou com a colaboração de uma instituição científica — o Instituto de Estudos Medievais, sob a direcção do Prof. José Mattoso —, e dedicou-se a um tema mal conhecido e pouco estudado: a vida religiosa dos freires das ordens.

No texto que servia de apresentação, José Mattoso apontava já algumas das dificuldades inerentes ao estudo deste tema, dado o desaparecimento quase completo «dos testemunhos directos acerca das práticas religiosas, dos textos doutrinários e das leituras dos membros das ordens militares». Para se preencher tal lacuna, tarefa indispensável para compreender aqueles

que se dedicavam à guerra externa por motivos religiosos, propunha que se realizasse «um primeiro levantamento das fontes disponíveis, das questões a esclarecer e dos métodos a utilizar». Era a melhor forma, dizia, quer para desbravar caminho numa área de investigação mais difícil, que requeria conhecimentos especializados e a reunião de muitas informações indirectas, quer para estimular, sobretudo entre os mais jovens, «investigações mais sistemáticas e completas».

Foi o próprio José Mattoso quem apresentou o tema e abriu o Curso. Na ocasião, insistiu na necessidade de entender a motivação religiosa dos freires — como sentiram e viveram o ideal de vida que os levou a professar — e de evitar as explicações, ou, melhor, os preconceitos, que reduzem o seu comportamento a motivos de ordem política, económica e social. Sugeria, pois, que têm muito de apriorístico, ou de grosseiro, as interpretações que defendem a secularização completa das ordens durante o século XV. O facto justifica-se, muitas vezes, por referência à decadência que teria caracterizado as instituições eclesíásticas nessa época, mas esquece os esforços de renovação religiosa que então se observam um pouco por toda a parte, e, também, nas próprias ordens militares. Com isso, mostrava o interesse desta área de investigação e convidava a interrogar de outra forma muitos dos testemunhos conhecidos.

Também procurou apontar alguns rumos de investigação. Mencionou, em particular, as temáticas que se cruzam com o universo da vivência religiosa das ordens militares, caso da difusão do ideal de guerra santa, ou da recepção da temática cavaleiresca pelos freires das ordens. E lembrou a necessidade de as analisar não só por meio da interrogação dos testemunhos directos, mas através da reconstituição da tradição e circulação dos textos a elas ligados, ou dos seus reflexos em fontes tão diversas como os epitáfios, as listas de bibliotecas e as actas de visitação. Os testemunhos materiais — arquitectónicos, iconográficos, litúrgicos, ou outros —, poderão também ser revisitados sob esta perspectiva, sobretudo se forem olhados e interrogados não apenas na sua materialidade, mas também na fundamentação teórica que lhes subjaz e lhes confere todo um outro alcance e eloquência simbólica.

A intervenção de Luís Filipe Oliveira situou-se igualmente nesta linha de preocupações. Após recordar aquilo que definia o essencial da vida religiosa dos freires, isto é, a opção de fazerem da guerra um instrumento do serviço de Deus, procurou inventariar as fontes para o estudo da religiosidade dos freires, a partir dos fundos documentais acumulados pelas milícias. Insistiu sobretudo nos textos desaparecidos, mas outrora existentes, nos testemunhos inéditos que se conservam nos arquivos e na necessidade de completar o inventário a partir de outros fundos. A esse propósito, mencionou a colecção dos Manuscritos da Livraria, cujo catálogo está longe de estar completo.

O segundo grupo de intervenções esteve a cargo de Hermínia Vilar e de Saúl Gomes e também se centrou na época medieval. Através dele, procurou-se indagar a relação das ordens com o poder episcopal e os horizontes espirituais abertos aos cavaleiros e freires das milícias. O primeiro aspecto foi tratado por Hermínia Vilar a partir dos dados recenseados para a diocese de Évora e trouxe diversas interrogações sobre a formação da rede paroquial e o enquadramento dos fiéis, a que só uma investigação dirigida poderá dar resposta. Foi com base numa releitura do *Elogio da Nova Milícia* de S. Bernardo que Saúl Gomes deixou diversas sugestões, sobretudo no que respeita à presença de textos doutrinários de referência nos diplomas exarados pelas chancelarias das ordens. Pelos dados que poderá proporcionar sobre as leituras dos freires, trata-se de um inquérito a prosseguir. Também apontou, por fim, a provável influência dos templários na *Vida de S. Martinho de Soure*, se bem que esse texto não faça parte da herança cultural da milícia.

Outro caminho de abordagem foi o dos cultos promovidos, acolhidos, ou apoiados pelas Ordens. O culto dos mártires foi tratado por Pedro Picoito, que o analisou como símbolo de identidade, e, em particular, como modelo de conduta para quem fazia a guerra *por amor*. O interesse dos freires por outras formas de vivência religiosa, mais exigentes, foi abordado por João Luís Fontes, a partir dos Eremitas da Serra de Ossa. Os dados que apresentou documentam uma ligação pessoal dos mestres de Avis e de Santiago com tais comunidades de anacoretas. Instalados em grande parte no território controlado por estas Ordens, os eremitas beneficiavam da sua protecção e do seu claro apoio, com a concessão de bens e a dispensa de uma atenta vigilância. Isso mostra, pois, que as aspirações religiosas não estavam ausentes do horizonte de vida dos freires.

Para o período moderno, coube a Fernanda Olival evocar os traços da religiosidade cultivada pelos freires e apresentar os elementos que, também por essa via, poderiam ser factores de distinção e de afirmação social. Os dados que deu a conhecer são particularmente significativos, uma vez que respeitam a um período caracterizado por profundas transformações no interior das Ordens Militares, após a sua definitiva sujeição à Coroa. De uma forma muito didáctica, que tinha em conta o público a que este Curso se destinava, esta investigadora procurou clarificar o estatuto dos freires e cavaleiros das Ordens nos séculos XVI-XVIII, bem como as formas de vivência religiosa por estes desenvolvidas, ou a eles associadas.

O Curso foi ainda pretexto para o lançamento das actas do *V Encontro sobre Ordens Militares*, realizado em Fevereiro de 2006, e para a apresentação da obra *A Coroa, os Mestres e os Comendadores: As Ordens Militares de Avis e de Santiago (1330-1449)*. As Actas foram apresentadas por Maria Cristina Pimenta, tendo sido José Mattoso quem deu a conhecer a obra de Luís Filipe Oliveira, que corresponde à sua dissertação de doutoramento e que foi publicada

pela Universidade do Algarve. No dia 8 de Fevereiro, o Curso terminou com uma visita a monumentos religiosos de Setúbal medieval e moderna, conduzida por José Custódio Vieira da Silva.

Pela qualidade dos intervenientes, e, sobretudo, pela ousadia do tema, o Curso foi uma iniciativa importante, que poderá fazer história ao abrir caminhos numa área onde os estudos mais escasseiam. Sem escamotear as dificuldades, nem as dúvidas e os problemas, nele se convocaram alguns contributos e várias sugestões. Apontaram-se sobretudo muitos rumos de investigação, alguns dos quais já começaram a ser trilhados, a par de outros que poderão vir a sê-lo num futuro próximo. Oxalá tragam novos dados para o conhecimento das Ordens Militares e da vida religiosa as caracterizava.